

5. Apêndice 1: Algumas obras que no título aparece a palavra saudade

Cais, saudade em pedra. Romance de Moacir C. Lopes

Saudade (comédia em 3 atos) – Paulo de Magalhães

Estâncias da saudade – psicografado por Rose dos Anjos

Inhaúma, seu nome é saudade – Euclides da Cunha

Sangue e saudade – Romance de Rafael Montoito

Para vocês com saudade – espírito Filipe, psicografado pelo médium Alceu Costa Filho

Um resto de saudade – Crônicas de Walter Mendonça

Muito além da saudade – espíritos diversos, psicografado por Carlos A. Baccelli.

Amor e saudade – espíritos diversos, psicografado por Francisco Xavier

Escola da Saudade (comédia em 3 atos) – Josué Montello

Roteiro da saudade – guia turístico

A ladeira da saudade – Literatura Infanto-Juvenil de Ganymédes José

Uma pena, uma saudade – Literatura Infantil Brasileira de Francisca Maria do Nascimento Nóbrega.

5.1. Apêndice 2: Biografia dos poetas citados

Biografias retiradas dos sítios: www.bibvirt.futuro.usp.br, www.itaucultural.org.br e <http://www.netsaber.com.br/biografias>

Luís de Camões (1524-1580)

Poeta português. As informações sobre a sua biografia são relativamente escassas e pouco seguras, apoiando-se num número limitado de documentos e breves referências dos seus contemporâneos. A própria data do seu nascimento, assim como o local, é incerta, tendo sido deduzida a partir de uma Carta de Perdão real de 1553. A sua família teria ascendência galega, embora se tenha fixado em Portugal séculos antes. Pensa-se que estudou em Coimbra, mas não se conserva qualquer registo seu nos arquivos universitários. Serviu como soldado em Ceuta, por volta de 1549-1551, aí perdendo um olho. Em 1552, de regresso a Lisboa, esteve preso durante oito meses por ter ferido, numa rixa, Gonçalo Borges, um funcionário da corte. Data do ano seguinte a referida Carta de Perdão, ligada a essa ocorrência. Nesse mesmo ano, seguiu para a Índia. Nos anos seguintes, serviu no Oriente, ora como soldado, ora como funcionário, pensando-se que esteve mesmo em território chinês, onde teria exercido o cargo de Provedor dos Defuntos e Ausentes, a partir de 1558. Em 1560 estava de novo em Goa, convivendo com algumas das figuras importantes do seu tempo (como o vice-rei D. Francisco Coutinho ou Garcia de Orta). Em 1569 iniciou o regresso a Lisboa. No ano seguinte, o historiador Diogo do Couto, amigo do poeta, encontrou-o em Moçambique, onde vivia na penúria. Juntamente com outros antigos companheiros, conseguiu o seu regresso a Portugal, onde desembarcou em 1570. Dois anos depois, D. Sebastião concedeu-lhe uma tença, recompensando os seus serviços no Oriente e o poema épico que entretanto publicara, *Os Lusíadas*. Camões morreu a 10 de Junho de 1580, ao que se diz, na miséria. No entanto, é difícil distinguir aquilo que é realidade, daquilo que é mito e lenda romântica criados em torno da sua vida.

Da obra de Camões foram publicados, em vida do poeta, três poemas líricos, uma ode ao Conde de Redondo, um soneto a D. Leonis Pereira, capitão de Malaca, e o poema épico *Os Lusíadas*. Foram ainda representadas as peças teatrais *Comédia dos Anfitriões*, *Comédia de Filodemo* e *Comédia de El-Rei Seleuco*. As duas primeiras peças foram publicadas em 1587 e a terceira, apenas em 1645, integrando o volume das *Rimas de Luís de Camões*, compilação de poesias líricas antes dispersas por cancioneiros, e cuja atribuição a Camões foi feita, em alguns casos, sem critérios rigorosos. Um volume que o poeta preparou, intitulado *Parnaso*, foi-lhe roubado.

Na poesia lírica, constituída por redondilhas, sonetos, canções, odes, oitavas, tercetos, sextinas, elegias e éclogas, Camões conciliou a tradição renascentista (sob forte influência de Petrarca, no soneto) com alguns aspectos maneiristas. Noutras composições, aproveitou elementos da tradição lírica nacional, numa linha que vinha já dos trovadores e da poesia palaciana, como por exemplo, nas redondilhas «Descalça vai para a fonte» (dedicadas a Lianor), «Perdigão perdeu a pena», ou «Aquela cativa» (que dedicou a uma sua escrava negra). É no tom pessoal que conferiu às tendências de inspiração italiana e na renovação da lírica mais tradicional que reside parte de seu gênio.

Na poesia lírica avultam os poemas de temática amorosa, em que se tem procurado solução para as muitas lacunas em relação à vida e personalidade do poeta. É o caso da sua relação amorosa com Dinamene, uma amada chinesa que surge em alguns dos seus poemas, nomeadamente no conhecido soneto «Alma minha gentil que te partiste», ou de outras composições, que ilustram a sua experiência de guerra e do Oriente, como a canção «Junto dum seco, duro, estéril monte».

No tratamento dado ao tema do amor é possível encontrar, não apenas a adoção do conceito platônico do amor (herdado da tradição cristã e da tradição e influência petrarquista) com os seus princípios básicos de identificação do sujeito com o objeto de amor («Transforma-se o amador na cousa amada»), de anulação do desejo físico («Pede-me o desejo, Dama, que vos veja / Não entende o que pede; está enganado.») e da ausência como forma de apurar o amor, mas também o conflito com a vivência sensual desse mesmo amor. Assim, o amor surge, à maneira petrarquista, como fonte de contradições, tão bem expressas no justamente célebre soneto «Amor é

fogo que arde sem se ver», entre a vida e a morte, a água e o fogo, a esperança e o desencanto, inefável, mas, assim mesmo, fundamental à vida humana. A concepção da mulher, outro tema essencial da lírica camoniana, em íntima ligação com a temática amorosa e com o tratamento dado à natureza (que, classicamente vista como harmoniosa e amena, a ela se associa, como fonte de imagens e metáforas, como termo comparativo de superlativação da beleza da mulher, e, à maneira das cantigas de amigo, como cenário e/ou confidente do drama amoroso), oscila igualmente entre o pólo platônico (ideal de beleza física, espelho da beleza interior, manifestação no mundo sensível da Beleza do mundo inteligível), representado pelo modelo de Laura, que é predominante (vejam-se a propósito os sonetos «Ondados fios de ouro reluzente» e «Um mover d'olhos, brando e piedoso»), e o modelo renascentista de Vênus.

Temas mais abstratos como o do desconcerto do mundo (expresso no soneto «Verdade, Amor, Razão, Merecimento» ou na esparsa «Os bons vi sempre passar/no mundo graves tormentos»), a passagem inexorável do tempo com todas as mudanças implicadas, sempre negativas do ponto de vista pessoal (como observa Camões no soneto «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades»), as considerações de ordem autobiográfica (como nos sonetos «Erros meus, má fortuna, amor ardente» ou «O dia em que eu nasci, moura e pereça», que transmitem a concepção desesperançada, pessimista, da vida própria), são outros temas dominantes da poesia lírica de Camões.

No entanto, foi com *Os Lusíadas* que Camões, embora postumamente, alcançou a glória. Poema épico, seguindo os modelos clássicos e renascentistas, pretende fixar para a posteridade os grandes feitos dos portugueses no Oriente. Aproveitando a mitologia greco-romana, fundindo-a com elementos cristãos, o que, na época, e mesmo mais tarde, gerou alguma controvérsia, Camões relata a viagem de Vasco da Gama, tomando-a como pretexto para a narração da história de Portugal, intercalando episódios narrativos com outros de cariz mais lírico, como é o caso do da «Linda Inês». *Os Lusíadas* vieram a ser considerados o grande poema épico nacional. Toda a obra de Camões, de resto, influenciou a posterior literatura portuguesa, de forma particular durante o Romantismo, criando muitos mitos ligados à sua vida, mas também noutras épocas, inclusivamente a atual. No século XIX, alguns escritores e

pensadores realistas colaboraram na preparação das comemorações do terceiro centenário da sua morte, pretendendo que a figura de Camões permitisse uma renovação política e espiritual de Portugal.

Amplamente traduzido e admirado, é considerado por muitos a figura cimeira da língua e da literatura portuguesas. São suas a coletânea das Rimas (1595, obra lírica), o Auto dos Anfitriões, o Auto de Filodemo (1587), o Auto de El-Rei Seleuco (1645) e Os Lusíadas (1572).

Machado de Assis (1839-1908)

Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Filho de um operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que viria a tornar-se o maior escritor do país e um mestre da língua, perde a mãe muito cedo e é criado pela madrasta, Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e o matricula na escola pública, única que freqüentará o autodidata Machado de Assis. Em 12 de Janeiro de 1855, aos 16 anos, publica seu primeiro trabalho literário, o poema "Ela", na revista Marmota Fluminense, de Francisco de Paula Brito. A Livraria Paula Brito acolhia novos talentos da época, tendo publicado o citado poema e feito de Machado de Assis seu colaborador efetivo. Com 17 anos, consegue emprego como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, e começa a escrever durante o tempo livre. Conhece o então diretor do órgão, Manuel Antônio de Almeida, autor de Memórias de um sargento de milícias, que se torna seu protetor. Em 1858 volta à Livraria Paula Brito, como revisor e colaborador da Marmota, e ali integra-se à sociedade lítero-humorística Petalógica, fundada por Paula Brito. Lá constrói o seu círculo de amigos, do qual faziam parte Joaquim Manoel de Macedo, Manoel Antônio de Almeida, José de Alencar e Gonçalves Dias.

Começa a publicar obras românticas e, em 1859, era revisor e colaborava com o jornal Correio Mercantil. Em 1860, a convite de Quintino Bocaiúva, passa a fazer parte da redação do jornal Diário do Rio de Janeiro. Além desse, escrevia também

para a revista O Espelho (como crítico teatral, inicialmente), A Semana Ilustrada (onde, além do nome, usava o pseudônimo de Dr. Semana) e Jornal das Famílias. Seu primeiro livro foi impresso em 1861, com o título Queda que as mulheres têm para os tolos, onde aparece como tradutor. Publica seu primeiro livro de poesias em 1864, sob o título de Crisálidas. Em 1867, é nomeado ajudante do diretor de publicação do Diário Oficial. Em 12 de novembro de 1869, casa-se com Carolina Augusta Xavier de Novais. Nessa época, o escritor era um típico homem de letras brasileiro bem sucedido, confortavelmente amparado por um cargo público e por um casamento feliz que durou 35 anos. D. Carolina, mulher culta, apresenta Machado aos clássicos portugueses e a vários autores da língua inglesa. Sua união foi feliz, mas sem filhos. A morte de sua esposa, em 1904, é uma sentida perda, tendo o marido dedicado à falecida o soneto Carolina, que a celebrizou. Seu primeiro romance, Ressurreição, foi publicado em 1872.

Na Gazeta de Notícias, no período de 1881 a 1897, publica aquelas que foram consideradas suas melhores crônicas. Em 1881, com a posse como Ministro Interino da Agricultura, Comércio Obras Públicas do poeta Pedro Luís Pereira de Sousa, Machado assume o cargo de oficial de gabinete. Publica, nesse ano, um livro extremamente original, pouco convencional para o estilo da época: Memórias Póstumas de Brás Cubas - que foi considerado, juntamente com O Mulato, de Aluísio de Azevedo, o marco do realismo na literatura brasileira. Extraordinário contista, publica Papéis Avulsos em 1882, Histórias sem data (1884), Vária Histórias (1896), Páginas Recolhidas (1889), e Relíquias da casa velha (1906). Grande amigo do escritor paraense José Veríssimo, que dirigia a Revista Brasileira, em sua redação promoviam reuniões os intelectuais que se identificaram com a idéia de Lúcio de Mendonça de criar uma Academia Brasileira de Letras. Machado desde o princípio apoiou a idéia e compareceu às reuniões preparatórias e, no dia 28 de janeiro de 1897. Quando se instalou a Academia, foi eleito presidente da instituição, cargo que ocupou até sua morte, ocorrida no Rio de Janeiro em 29 de setembro de 1908. Sua oração fúnebre foi proferida pelo acadêmico Rui Barbosa.

É o fundador da cadeira nº. 23, e escolheu o nome de José de Alencar, seu grande amigo, para ser seu patrono. Por sua importância, a Academia Brasileira de

Letras passou a ser chamada de Casa de Machado de Assis. Dizem os críticos que Machado era urbano, aristocrata, cosmopolita, reservado e cínico, ignorou questões sociais como a independência do Brasil e a abolição da escravatura. Passou ao longe do nacionalismo, tendo ambientado suas histórias sempre no Rio, como se não houvesse outro lugar. A galeria de tipos e personagens que criou revela o autor como um mestre da observação psicológica. Sua obra divide-se em duas fases, uma romântica e outra parnasiano-realista, quando desenvolveu inconfundível estilo desiludido, sarcástico e amargo. O domínio da linguagem é sutil e o estilo é preciso e reticente ao mesmo tempo. O humor pessimista e a complexidade do pensamento, além da desconfiança na razão (no seu sentido cartesiano e iluminista), fazem com que se afaste de seus contemporâneos.

Olavo Bilac (1865-1918)

Poeta brasileiro, nasceu no dia 16 de dezembro de 1865, no Rio de Janeiro e faleceu no dia 28 de dezembro de 1918 no mesmo estado. Coursou a Faculdade de Medicina e Direito, abandonando essa carreira para dedicar-se exclusivamente para a literatura. Ao registrar-se a revolta armada, o Governo Floriano Peixoto considerou-o comprometido e mandou encerrá-lo. Colaborou em vários jornais e revistas como "Notícia", "Gazeta de Notícias" e a "Riva". Exerceu o cargo de Secretário do Congresso de Pan Americano em Buenos Aires, Inspetor da Instrução Pública e Membro do Conselho Superior do Departamento Federal. Tomou parte na Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número 15, cujo patrono é Gonçalves Dias. Pertenceu à Escola Parnasiana Brasileira, sendo um dos seus principais poetas. Seu cuidado em atingir uma obra perfeita, levou-o a escrever poesias tecnicamente admiráveis, atingindo um dos mais altos graus do nosso parnasianismo e os feitos históricos de seus desbravadores, são de grande beleza pelo ritmo e pelas imagens sonoras. Seus versos comoventes e de extraordinários sentimentos, o tornaram um dos nossos poetas mais preferidos. Sua consagração definitiva foi obtida com o seu livro: "Poesias" publicado em 1888. Escreveu muito, nunca se descuidando da forma. Algumas de suas obras: "Via Láctea", "Sarça de Fogo", "Crônicas e Novelas". O livro "Tarde", foi publicado postumamente em 1919. Consagrou os últimos anos de sua

vida à propaganda do Serviço Militar Obrigatório. Seu nome completo: Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac.

Castro Alves (1847-1871)

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu na fazenda Cabaceiras, antiga freguesia de Muritiba, perto da vila de Curralinho, hoje cidade Castro Alves, no Estado da Bahia, a 14 de março de 1847 e morreu na cidade de Salvador, no dia 6 de julho de 1871. É considerado o mais brilhante dos poetas românticos brasileiros, é chamado cantor dos escravos pelos seus poemas de combate à escravidão negra no Brasil. Viveu os primeiros anos da juventude no interior do sertão. Era filho do médico Antônio José Alves, mais tarde professor na Faculdade de Medicina de Salvador, e de Clélia Brasília da Silva Castro, falecida quando o poeta tinha 12 anos. Por volta de 1853, ao mudar-se com a família para a capital, estudou no colégio de Abílio César Borges, futuro Barão de Macaúbas, onde foi colega de Rui Barbosa, demonstrando vocação apaixonada e precoce para poesia. Aos dezesseis anos foi para o Recife, estudar Direito.

Começou desde logo a patentear uma notável vocação poética e a demonstrar dotes oratórios pouco comuns, que mais tarde fizeram dele um dos arautos do movimento abolicionista e da causa republicana. Escreveu poesia lírica, e também poesia de caráter social, em favor da abolição da escravatura. Participou ativamente da vida estudantil e literária. Tendo grande animação pelo teatro, em 1867, conheceu a atriz portuguesa Eugênia Câmara, dez anos mais velha do que ele, por quem se apaixonou, com ela seguindo para Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, e em sua homenagem escreveu o drama em prosa Gonzaga ou A Revolução de Minas, que ela representou. De passagem pelo Rio de Janeiro, conheceu Machado de Assis, que o introduziu nos meios literários. Em São Paulo cursa o 3º ano da Faculdade de Direito.

Começam então os primeiros desentendimentos amorosos do casal. Os amores pela atriz continuaram, mas não foram por ela correspondidos. Abraçando a caça nos bosques da Lapa, o poeta procurava esquecer os aborrecimentos, que lhe adivinham das desavenças com atriz. Em 1868, numa dessas caças feriu-se com um tiro de espingarda no pé direito. Foi conduzido para o Rio de Janeiro, onde teve o pé

amputado. Daí passou a caminhar apoiado numa bengala, utilizando um pé de borracha. Como já a tuberculose o afligia, teve seus males agravados pelo acidente. Em 1870 dirigiu-se para a Bahia, onde publica *Espumas Flutuantes*. Falece em Salvador. Predominantemente poeta romântico, foi influenciado por Byron e Vitor Hugo. Pertenceu à chamada Escola Condoreira. O inolvidável poeta, que foi um dos mais acerbos defensores da emancipação da libertação da escravidão no Brasil, é o patrono da cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras. Obras de Antônio Castro Alves (1847 - 1871): *Espumas Flutuantes*, *Os Escravos*, *A Cachoeira de Paulo Afonso* e o drama *Gonzaga* ou *A Revolução de Minas*, *Vozes da África* e *Navio Negreiro* são a sua expressão máxima e poesia.

Fernando Pessoa (1888-1935)

Fernando Antônio Nogueira Pessoa (Lisboa, 13 de Junho de 1888 — Lisboa, 30 de Novembro de 1935), mais conhecido como Fernando Pessoa, foi um poeta e escritor português. É considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa tendo seu valor comparado ao de Camões. O crítico literário Harold Bloom considerou-o, ao lado de Pablo Neruda, o mais representativo poeta do século XX. Por ter vivido a maior parte de sua juventude na África do Sul, o inglês também possui destaque em sua vida, com Pessoa traduzindo, escrevendo, trabalhando, estudando e até pensando no idioma. Teve uma vida discreta, em que atuou no jornalismo, na publicidade, no comércio e, principalmente, na literatura, onde se desfez em várias outras personalidades conhecidas como heterônimos. A figura enigmática em que se tornou movimenta grande parte dos estudos sobre sua vida e obra, além de ser o maior autor da heteronímia. Morre de problemas hepáticos aos 47 anos na mesma cidade onde nascera, tendo sua última frase escrita na língua inglesa: “I know not what tomorrow will bring...”.

Gonçalves Dias (1823 1864)

Antônio Gonçalves Dias nasceu no dia 10 de agosto de 1823, nos arredores de Caxias, no Maranhão. Filho natural de português e mestiça, com a morte do pai, que entretanto, se casara regularmente, é enviado pela madrastra a estudar Direito em Coimbra (1838). Durante o curso, escreve seus primeiros versos e participa do grupo de poetas medievalistas que se reunia em torno do O Trovador. Formado em 1844, regressa ao Maranhão, e conhece Ana Amélia Ferreira do Vale, que lhe inspiraria mais tarde o poema "Ainda uma vez — adeus!". Em 1846, muda-se para o Rio de Janeiro, onde se dedica ao magistério (professor de Latim e História do Brasil no Colégio Pedro II), ao jornalismo (redator da revista Guanabara) e à elaboração de sua obra poética, teatral e etnográfica e historiográfica, a última das quais relacionada com as várias missões que lhe são destinadas, aqui e no estrangeiro. Faleceu ao regressar de uma viagem à Europa, no naufrágio do "Ville de Boulogne", já próximo do Maranhão, a 3 de novembro de 1864. Escreveu: Primeiros Contos (1846), Leonor de Mendonça, teatro (1847), Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão (1848), Últimos cantos (1851), Os timbiras (1857), Dicionário da Língua Tupi (1858), Obras Póstumas, 6 volumes; organizadas por Antônio Heriques Leal (1868-1869). Primeiro poeta autenticamente brasileiro, na sensibilidade e na temática, e das mais altas vozes de nosso lirismo, dele foram selecionadas três composições, amostra expressiva de sua duas "maneiras fundamentais, a lírico-amorosa e a indianista.

Álvares de Azevedo (1831-1852)

Poeta, ensaísta, contista, romancista e dramaturgo, Álvares de Azevedo fez os estudos primários e secundários na cidade do Rio de Janeiro, onde passou a residir a partir dos dois anos de idade. Em 1844, voltou a São Paulo, de onde retornou no ano seguinte para ingressar no Colégio Pedro II, formando-se em 1846. Com 17 anos, matriculou-se no curso jurídico da Faculdade de Direito de São Paulo, onde vários grupos intelectuais defendiam a formação de sociedades e publicações de revistas como forma de atuar na vida cultural brasileira.

Participou de várias atividades acadêmicas, entre as quais a fundação da revista *Ensaio Filosófico*, que discutia o sentimento nacionalista e o sentido da poesia brasileira. Elaborou também o projeto de fundação de um jornal literário (*Crepúsculo* ou *Estrela*), que não chegou a se realizar. Pertencendo a uma geração que sofreu influência vital do satanismo de Byron, o poeta não fugiu, conforme aponta Mário de Andrade, à "imagem do rapaz morto", disseminada durante o período romântico. Introjetando não só em sua obra, mas em sua própria vida, o mal-do-século, morreu aos 21 anos incompletos, sem terminar a faculdade, deixando inédita sua obra, composta por poemas, contos, um romance, peças de teatro (escritas entre 1848 e 1851), além de ensaios, cartas e discursos. Em 1853, um ano após a sua morte, foi publicado o livro *Lira dos vinte anos*, cuja edição o poeta havia deixado preparada.

Manuel Bastos Tigre (1882-1957)

Bibliotecário, jornalista, poeta, compositor, humorista e destacado publicitário brasileiro. Estudou no Colégio Diocesano de Olinda, onde compôs os primeiros versos e criou o jornal humorístico *O Vigia*. Diplomou-se pela Escola Politécnica, em 1906. Trabalhou como engenheiro da General Electric e depois foi ajudante de geólogo nas Obras Contra as Secas, no Ceará. Foi homem de múltiplos talentos, pois foi jornalista, poeta, compositor, teatrólogo, humorista, publicitário, além de engenheiro e bibliotecário. E em todas as áreas obteve sucesso, especialmente como publicitário. É dele, por exemplo, o slogan da Bayer que correu o mundo, garantindo a qualidade dos produtos daquela empresa: "Se é Bayer é bom". Foi ele ainda quem fez a letra para Ary Barroso musicar e Orlando Silva cantar, em 1934, o "Chopp em Garrafa", inspirado no produto que a Brahma passou a engarrafar naquele ano, e veio a constituir-se no primeiro jingle publicitário, entre nós. Prestou concurso para Bibliotecário do Museu Nacional (1915) com tese sobre a Classificação Decimal. Mais tarde, transferiu-se para a Biblioteca Central da Universidade do Brasil, onde serviu por mais de 20 anos. Exerceu a profissão de bibliotecário por 40 anos, é considerado o primeiro bibliotecário por concurso, no Brasil. No dia 12 de março é comemorado o Dia do Bibliotecário, que foi instituído em sua homenagem.

Vinícius de Moraes (1913-1980)

Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes, (Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1913; Rio de Janeiro, 9 de julho de 1980) foi um diplomata, jornalista, poeta e compositor brasileiro. Poeta essencialmente lírico, o "*poetinha*" (como ficou conhecido) notabilizou-se pelos seus sonetos, forma poética que se tornou quase associada ao seu nome. Conhecido por também ser boêmio inveterado, fumante e apreciador do uísque, Vinicius também era conhecido por ser um grande conquistador. O *poetinha* casou-se por nove vezes ao longo de sua vida. Sua obra é vasta, passando pela literatura, teatro, cinema e música. No campo musical, teve como principais parceiros Tom Jobim, Toquinho, Baden Powell e Carlos Lyra.

Filho de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes (funcionário da Prefeitura, poeta e violonista amador) e Lidia Cruz de Moraes (pianista amadora), Vinicius de Moraes nasceu no bairro da Gávea, na então capital brasileira, em 1916 mudou-se com a família para Botafogo, onde estudou na Escola Primária Afrânio Peixoto - onde escreveu seus primeiros versos. Em 1922, a família de Vinícius mudou-se para a Ilha do Governador, mas ele permaneceu com o avô, a fim de terminar o curso primário. Em finais de semana durante os períodos de férias, os pais de Vinícius costumavam receber em casa a presença de Henrique de Melo Moraes, tio de Vinícius, e do compositor Bororó. Vinícius de Moraes ingressou no Colégio Santo Inácio em 1924, onde passou a cantar no coro e começou a montar pequenas peças de teatro. Três anos depois, tornou-se amigo dos irmãos Paulo e Haroldo Tapajós, com quem começou a fazer suas primeiras composições e a se apresentar em festas de amigos. Em 1929, concluiu o ginásio e sua família voltou a morar na Gávea. Nesse mesmo ano, ingressou na "Faculdade de Direito do Catete", onde conheceu e tornou-se amigo do romancista Otavio Faria, que o incentivou na vocação literária. Vinícius de Moraes graduou-se em Direito em 1933. Três anos depois, obteve o emprego de censor cinematográfico junto ao Ministério da Educação e Saúde. Dois anos mais tarde, ganhou uma bolsa do Conselho Britânico para estudar língua e literatura inglesas em Oxford. Em 1941, retornou ao Brasil empregando-se como crítico de cinema no jornal "A Manhã". Tornou-se também colaborador da revista "Clima" e empregou-se no Instituto dos Bancários. No ano seguinte, foi reprovado em seu primeiro concurso

para o Itamaraty. No outro ano, concorreu novamente e desta vez foi aprovado. Em 1946, assumiu o primeiro posto diplomático como vice-cônsul em Los Angeles. Com a morte do pai, em 1950, retornou ao Brasil. Nos anos 1950, Vinícius atuou no campo diplomático em Paris e em Roma, onde costumava realizar animados encontros na casa do escritor Sérgio Buarque de Holanda. Além da carreira diplomática, onde atuou até o final de 1968, Vinícius começou a se tornar prestigiado com sua peça de teatro *"Orfeu da Conceição"*, obra de 1954. Além da diplomacia, do teatro e dos livros, sua carreira musical começou a deslanchar em meados da década de 1950 - época em que conheceu Tom Jobim (um de seus grandes parceiros) - quando diversas de suas composições foram gravadas por inúmeros artistas. Na década seguinte, Vinícius viveu um período áureo na MPB, no qual foram gravadas cerca de 60 composições de sua autoria. Foram firmadas parcerias com compositores como Baden Powell, Carlos Lyra e Francis Hime. Nos anos 1970, já consagrado e com um novo parceiro, o violonista Toquinho, Vinícius seguiu lançando álbuns e livros de grande sucesso. Ele era Botafoguense.

Na noite de 8 de julho de 1980, acertando detalhes com Toquinho das canções do "Arca de Noé", Vinícius alegou estar cansado e foi tomar um banho. Toquinho foi dormir. Na madrugada do dia 9 de julho, Vinícius foi acordado pela empregada, que o encontrara na banheira de casa, com dificuldades para respirar. Toquinho foi ao seu socorro, seguido por Gilda Mattoso (última esposa do poeta), mas não houve tempo para socorrê-lo. Vinícius de Moraes morreria na manhã seguinte, 9 de julho. No enterro, consolada por Elis Regina, Gilda recordava da noite anterior, quando, em uma entrevista, perguntaram a Vinícius: "Você está com medo da morte?". E o poeta, placidamente, respondeu: "Não, meu filho. Eu não estou com medo da morte. Estou é com saudades da vida".

Manuel Bandeira (1886-1968)

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (Recife, 19 de abril de 1886 — Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1968) foi um poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema *Os Sapos* o abre-alas da Semana

de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire, Gilberto Freyre e José Condé, representa o que há de melhor na produção literária do estado de Pernambuco. Filho do engenheiro Manuel Carneiro de Sousa Bandeira e de sua esposa Francelina Ribeiro, era neto paterno de Antônio Herculano de Sousa Bandeira, advogado, professor da Faculdade de Direito do Recife e deputado geral na 12ª legislatura. Tendo dois tios reconhecidamente importantes, sendo um, João Carneiro de Sousa Bandeira, que foi advogado, professor de Direito e membro da Academia Brasileira de Letras e o outro, Antonio Herculano de Souza Bandeira Filho, que era o irmão mais velho do Engenheiro Souza Bandeira e foi advogado, procurador da coroa, autor de expressiva obra jurídica e foi também Presidente da Províncias da Paraíba e de Mato Grosso. Seu avô materno era Antônio José da Costa Ribeiro, advogado e político, deputado geral na 12ª legislatura. Costa Ribeiro era o avô citado em Evocação do Recife. Sua casa na rua da União é referida no poema como "a casa de meu avô". No Rio de Janeiro, para onde viajou com a família, em função da profissão do pai, engenheiro civil do Ministério da Viação, estudou no Colégio Pedro II (Ginásio Nacional, como o chamaram os primeiros republicanos) foi aluno de Silva Ramos, de José Veríssimo e de João Ribeiro, e teve como condiscípulos Álvaro Ferdinando Sousa da Silveira, Antenor Nascentes, Castro Menezes, Lopes da Costa, Artur Moses. Em 1902 terminou o Curso de Humanidades e foi para São Paulo, onde iniciou o curso de arquitetura, que interrompeu por causa da tuberculose. Para se tratar buscou Campos de Jordão, Campanha e outras localidades de clima seco. Com a ajuda do pai, que reuniu todas as economias da família, foi para Suíça, onde esteve no Sanatório de Clavadel. Professor de literatura, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras onde foi o terceiro ocupante da Cadeira 24, cujo patrono é Júlio Ribeiro. Sua eleição ocorreu em 29 de agosto de 1940, sucedendo Luís Guimarães, e foi recebido pelo Acadêmico Ribeiro Couto em 30 de novembro de 1940. Manuel Bandeira faleceu aos 82 anos de idade, no Rio de Janeiro, e foi sepultado no mausoléu da Academia Brasileira de Letras, no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

Um dos poetas nacionais mais admirados, inspira, até hoje, desde novos escritores a compositores. Aliás, o "ritmo bandeiriano" mereceu estudos

aprofundados de ensaístas. Por vezes inspira escritores não em razão de sua temática, mas, também devido ao estilo sóbrio de escrever. Manuel Bandeira possui um estilo simples e direto, embora não compartilhe da dureza de poetas como João Cabral de Melo Neto, também pernambucano. Aliás, numa análise entre as obras de Bandeira e João Cabral, vê-se que este, ao contrário daquele, visa a purgar de sua obra o lirismo. Bandeira foi o mais lírico dos poetas. Aborda temáticas cotidianas e universais, às vezes com uma abordagem de "poema-piada", lidando com formas e inspiração que a tradição acadêmica considera vulgares. Mesmo assim, grande conhecedor de Literatura, utilizou-se, em temas cotidianos, de formas colhidas nas tradições clássicas e medievais. Em sua obra de estréia (e de curtíssima tiragem) estão composições poéticas rígidas, sonetos em rimas ricas e métrica perfeita, na mesma linha onde, em seus textos posteriores, encontramos composições como o rondó e trovas. No entanto, suas origens estão na poesia parnasiana. Foi convidado a participar da Semana de Arte Moderna de 1922, embora não tenha comparecido, deixando um poema seu (Os Sapos) para ser lido no evento. Uma certa melancolia, associada a um sentimento de angústia, permeia sua obra, em que procura uma forma de sentir a alegria de viver. Doente dos pulmões, Bandeira sabia dos riscos que corria diariamente, e a perspectiva de deixar de existir a qualquer momento é uma constante na sua obra.

Gilka Machado (1893-1980)

Gilka da Costa de Melo Machado (Rio de Janeiro 1893 - idem 1980). Publicou seu primeiro livro de poesia, *Cristais Partidos*, em 1915. Na época, já era casada com o poeta Rodolfo de Melo Machado. No ano seguinte, ocorreu a publicação de sua conferência *A Revelação dos Perfumes*, no Rio de Janeiro. Em 1917 saiu *Estados de Alma*; seguiram-se *Poesias*, 1915/1917 (1918); *Mulher Nua* (1922), *O Grande Amor* (1928), *Meu Glorioso Pecado* (1928), *Carne e Alma* (1931). Em 1932 foi publicada em Cochabamba, na Bolívia, a antologia *Sonetos y Poemas de Gilka Machado*, prefaciada por Antonio Capdeville. Em 1933, Gilka foi eleita "a maior poetisa do Brasil", por concurso da revista *O Malho*, do Rio de Janeiro. Foram

lançadas, nas décadas seguintes, suas obras poéticas *Sublimação* (1938), *Meu Rosto* (1947), *Velha Poesia* (1968). Suas *Poesias Completas* foram editadas em 1978, com reedição em 1991. Poeta simbolista, Gilka Machado produziu versos considerados escandalosos no começo do século XX, por seu marcante erotismo. Para o crítico Péricles Eugênio da Silva Ramos, ela foi a maior figura feminina de nosso Simbolismo, em cuja ortodoxia se encaixa com seus dois livros capitais, *Cristais Partidos* e *Estados de Alma*.

5.2. Apêndice 3: Título das obras poéticas analisadas

Os Brasileiros:

Gonçalves Dias: *Novos Cantos* e *Primeiros Cantos*

Castro Alves: *Os Escravos* e *Espumas Flutuantes*

Machado de Assis: *Ocidentais*

Álvares de Azevedo: *Poemas Malditos* e *Poemas Irônicos, Venenosos e Sarcásticos*

Manuel Bandeira: *Meus poemas Favoritos*

Vinícius de Moraes: *Antologia Poética*

Olavo Bilac: *Via Láctea*, *Sarças de Fogo*, *Tarde e alma Inquieta* – *A avenida das lágrimas*

Os Portugueses:

Fernando Pessoa: *Cancioneiro*, *Primeiro Fausto* e *Mensagem*

Alberto Caeiro: Poemas Inconjuntos e O Guardador de Rebanhos

Ricardo Reis: Poemas

Álvaro de Campos: Poesias

Camões: Sonetos, Redondilhas, Canções e Elegias

6. Referências Bibliográficas

- ACTAS** do I colóquio Luso-Galaico sobre saudade. (1996). Viana do Castelo: Câmara Municipal, Organizado pelo instituto de filosofia Luso-Brasileiro.
- ALMEIDA**, Mauro Lauria de. (1974) “Filosofia dos pára-choques”. Rio de Janeiro, A. C. Fernandes Editor.
- BARBOSA**, Livia Neves de Holanda. (1984) “Porque hoje é sábado – um estudo das representações dos dias da semana”. Rio de Janeiro, Boletim do Museu Nacional n49.
- BOSI**, Ecléa. (1994) [1973 1ed.] “Memória e Sociedade”. Editora Companhia das Letras, São Paulo.
- BOTELHO**, Afonso e **TEIXEIRA**, Antônio Braz. (1986) “Filosofia da Saudade”. Seleção e Organização de. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa.
- CARVALHO**, Nelly. (2006) “A saudade na língua portuguesa” In: *Confluência: Revista do instituto de literatura portuguesa, n.31*. Rio de Janeiro.
- CASCUDO**, Luís Câmara. (2004). “Locuções Tradicionais do Brasil”. Global Editora, São Paulo.
- CASTRO**, Antônio Borges de. (1985). “Saudade (ensaio) - Etimologia (árabe); Significação; Antologia”. Tipografia Nunes, Porto.
- DAMATTA**, Roberto. (1993) “Antropologia da Saudade” In: *Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco.
- DAMATTA**, Roberto. (1997) “Carnavais, Malandro e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro” Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 6 edição.
- DAMATTA**, Roberto. (1997) “A Casa e A Rua – Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil”. Editora Rocco, Rio de Janeiro.
- DAMATTA**, Roberto e **SOÁRES**, Elena. (1999) “Águias, Burros e Borboletas – um estudo antropológico do jogo do bicho”. Editora Rocco, Rio de Janeiro.
- DOUGLAS**, Mary. (1966) “Purity and Danger – An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo. Frederick A. Praeger, Publishers, London.
- DUMONT**, Louis. (1993) “O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna”. Editora Rocco, Rio de Janeiro.

- DURKHEIM**, Émile. (1989) [1915 1 ed.] “As Formas Elementares da Vida Religiosa”. Paulus Editora, São Paulo.
- EVANS-PRITCHARD**, E. E. (2005) [???? 1ed.] “Os Nuer”. São Paulo, Ed. Perspectiva.
- FREYRE**, Gilberto. (1963) “Em torno do conceito Hispânico ou Ibérico de tempo”. In: *Palavras Repatriadas*. São Paulo, Ed. Universidade de Brasília, 2003.
- HALBWACHS**, Maurice. (1990) “A Memória Coletiva”. Editora Vértice, São Paulo.
- HOLANDA**, Sérgio Buarque. (1995) [1936 1ed.] *Raízes do Brasil*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras.
- HOUAISS**, Antônio. (2001) Dicionário de Língua Portuguesa. Editora Objetiva, Rio de Janeiro.
- LAMAS**, Maria Paula. (2003) “Reflexões sobre a saudade”. Impressão José Fernandes, Lisboa.
- LEACH**, E. R. (1954) “Primitive Time-Reckoning” In: *A History of Technology* by Singer, C.; Holmyard, E. J.; Hall, A. R. Ed ???.
- LEACH**, E. R. (1983) “Dois ensaios a respeito da representação simbólica do tempo” In: *Repensando a Antropologia*, Editora Ática, São Paulo.
- LÉVI-STRAUSS**, Claude. (1975) “Totemismo Hoje”. Editora Vozes, Petrópolis.
- LOURENÇO**, Eduardo. (2001) “Mitologia da saudade”. Editora Gradiva, Lisboa.
- MANN**, Thomas. (2000) [1924 1ed.] “A Montanha Mágica”. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira.
- MAUSS**, Marcel. (2001) [1921 1.Ed.] “A Expressão Obrigatória dos Sentimentos” In: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo, Ed. Perspectiva.
- NABUCO**, Joaquim. (1909) “Camões: the lyric poet” Palestra proferida no Vassar College. Texto da Fundação Joaquim Nabuco, acervo digital.
- ORICO**, Osvaldo. (1948) “A Saudade Brasileira”. Editora S/A A Noite, Rio de Janeiro.
- PETRUS**, P. e **BERGAMINI**, Noel. (1987) “Mil Trovas de Amor e Saudade”. Editora Tecnoprint S.A. Pesquisa e seleção de.

POCOCK, David F. (1967) “The Anthropology of Time-Reckoning” In: *Myth and Cosmos – readings in mythology and symbolism*, organizado por John Middleton. New York, Ed. The American Museum of Natural History Press.

ROUGEMONT, Denis de. (2002) [1972 1.Ed] “História do amor no Ocidente”. Editora Ediouro, São Paulo.

TOBIAS, José Antônio. (1997) “A Saudade: idéia ou sentimento”. AM Edições, São Paulo.

VASCONCELLOS, Carolina Michaelis de. (1914) “A Saudade Portuguesa: divagações filosóficas e lítero-históricas em volta de Inês de Castro e do cantar velho Saudade Minha – quando te veria?”. Edição Renascença Portuguesa, Porto.